

O POVO

ORGÃO—NEUTRAL—DOS INTERESSES MORAES E MATERIAES DA PROVINCIA.

Assignaturas
Por um mez..... 1\$000

Lei, Progresso, Liberdade.

Publicação
Uma vez por semana

Redactor e Editor--responsavel--J. M. Velasco.

Errata

Em o nosso editorial passado encontra-se os seguintes erros importantes que corrigimos, pedindo aos nossos leitores que no-los perdõem.

—A Lei orçando a receita e a despesa das Camaras Municipaes, no anno financeiro de 1879, tem o numero 535 (e não 534)—e já foi publicada.

A lei n. 534 (esquecida na composição ou compaginação do editorial) determina que seja d'ora avante o dia 15 de Outubro o da abertura das sessões da Assembléa Provincial.

Foi sancionada,—mas ainda não foi publicada.

O numero da Lei do Orçamento Provincial é 536 e não 535.

E' pois treze e não doze o numero das Leis votadas na passada sessão da Assembléa, doze das quaes sujeitas á sanção da Presidencia e uma não. (Orçamento da Camara Municipaes).

O POVO

Terça-feira 18 de Fevereiro de 79.

Temos em vista uma correspondencia, escripta por um qualquer que se diz filho d'esta provincia (o falso!) e remettida ao *Jornal do Commercio* da Corte, onde foi publicada,—sob o titulo—interior—, em data de 23 de Dezembro ultimo.

E' uma d'essas torpes diatribes que o publico da Capital do Imperio já está affeito á ver, datadas d'esta infeliz provincia, apparecerem de mez em mez nas columnas d'aquelle proverbial sorvedouro do jornalismo fluminense e alagado pe ourinho da honra de todos,—que se chama o *Jornal do Commercio*.

N'esta, á que nos refermos, á pretexto de queimar-se um padre e nojento incenso á pessoa do nosso administrador e assim tambem ás de mais alguns amigos do tartuffio correspondente,—entre os quaes sobressahe a chata e bestial figura do bacharel Balbino Cezar de Mello, de ridicula e nebulosa memoria,—assaltou-se impudentemente injurias sobre

injurias contra o partido conservador da provincia e parece que tambem contra o partido liberal, ou pelo menos contra muitos (figurões diz elle) d'esse partido.

Por falta de espaço deixamos de responder já á calumniosa terrina, em cuja analyse entraremos em o nosso proximo numero.

Assim procedendo acreditamos cumprir um dever de honra e de posição.

O partido conservador, falsa e tragicamente aggreddido n'esse artigo não tem actualmente na imprensa da provincia um orgão seu, em que se possa defender de taes assaltos.

Biz-nos a consciencia de jornalista imparcial e probe, que essa defeza nos compéte:—é o bastante para que acceitemos-la com prazer.

Por hoje porem, nos limitamos á protestar, como protestaremos sempre, com todas as nossas forças, contra esse e outros identicos specimens da baixeza de charecter e da cobardia dos que, occultando as suas tenebrosas personalidades sob a capa de anonymo, como um bandido esconde o punhal sob a camizsa ou o paletot,—movidos por odios ou interesses politicos ou pessoais, mesquinhos sempre, investem contra estes ou aquelles—e investem certos da impunidade porque o seu execrando trabalho de sapa das reputações a que se atacam é executado á mil leguas de distancia—e nas trevas.

E protestamos e protestaremos sempre contra esses nocturnos assassinos, para quem a imprensa nada mais é que uma especie de esquina de rua deserta ou lugar mais apropriado para emboscadas contra a reputação das victimas que hajam escolhido,—e que nos deshonram no centro, onde—em face de taes representantes da nossa opinião publica, é impossivel que se não julgue mal do adiantamento e da moralidade da nossa sociedade.

E julgam—e julgarão até o dia em que se imponha, por meio de um exemplo energico e implacavel, um paradeiro á sanha roncadora desses coveiros de honras, e nos facemos representar na imprensa do exterior a provincia por pessoas que a hon-

rem e elevem em vez de envergonharem e maculá-la—falsa e vilmente.

J. M. Velasco.

Echos da Siberia

Que um jornal official é um thuribulo contractado pela colonia authoritaria para as necessidades do seu exigenteolphato—é pago pelos côfres publicos, que, para estes e outros jovinos camachos, é que foram inventados, e isso é cousa velha e sedição.

A *Provincia de Matto Grosso* porem: mais se nos assemelha á uma gigantesca boceta de fumo que á um thuribulo.

Ha ahi pitadas de fazer espirito um morto.

A pretexto da questio Camachos, por exemplo:—

«Temos confiança na administração de S. Ex. que solicite procura applicar os meios de cortar de uma vez os embaraços que cada dia surgem para acabar de aniquilar a nossa já pequena lavoura, &c.»

Ora analysem-nos este especimem e digam se não é o typo da critica fina e sagaz, a critica que morde e affuga, a critica com merecimento!

O nobre collega diz que cada dia surgem embaraços que tendem á aniquilar a lavoura,—e que S. Ex. procura...

E como S. Ex., pelo que vemos, procura sem achar ha já muitos dias, e ameaça não achar tão cedo,—e cada dia que vem ha mais um embaraço, é de esperar que esses embaraços, que se acumulam, cujo numero augmen-

dia para dia, o que também é real, tenham acabado de aniquilar a nossa moribunda lavoura antes que S. Ex. tenha *achado*, quer dizer, antes que S. Ex. que, para cortar o nó gordio, só dispõe actualmente da faca de meza do burquez bacharel, tenha racelado a esnada de Alexandre que encomendou ao centro, e que virá—quando Ignez fôr morta.

Fallamos com os factos—e elles ahí estão á vista e ao alcance de todos e principalmente do *fino* collega do—Matto-Grosso que os recebe em primeira mão.

Quando S. Ex. aqui chegou soube que nua familia, se tanto, do Coroados se estabeleceu nas margens do Arica-Aressu, onde fazia algumas rapinas, isto é, economias á custa dos lavradores, o que é iníscrito para Coroados e sem importância para nós, que já estamos affeitos á ver o individuo Pedra fazer economias á custa do café nacional, personagem mais respeitavel que um qualquer plantador de milho.

Em vista de que S. Ex., *sofrendo*, deo taes e tantas providencias que actualmente a tribu inteira dos Coroados está de posse de todo o municipio de Cuyabá, onde reproduz as façanhas dos antigos Aymorés e outros dignos protogonistas da farsa ou da tragedia colonial.

El mesmo facto que,—tomando em consideração a inaudita actividade e energia demonstradas pela Presidencia em face das progressivas scenas de devastação e carnificina de que tem sido victimas os *filhos* agricultores d'este municipio,—ha quem tenha tido a lembrança de suppôr que S. Ex. obrigou-se por algum reservado accordo á fazer cessão das terras da Provincia ao Presidente dos Coroados, obrigando-se este a respeitar o Palacio o sual immediatas possessões ou acampamentos, isto é a area da terra—no sentido entre o Lavapla e o Arica, o Choa da Marichá e o Bahi.

Alcance, está claro, mas...

Vejamos os factos:

No dia 31 de Janeiro p. p. o General da Chapada officialmente pediu que uma léva de índios á serra com direcção á obra de polvor e districto de...

O Snr. Commendador Henrique José Vieira informa que parte d'esses indios dirige-se para o Arica.—São como veem, informações precisas e sobre cuja veracidade nada ha que dizer.

Que pensam que se fez para obstar os males com que mais esses 300 selvagens nos ameaçavam?

Suppõem que destacou-se forças em numero respeitavel ao seu encontro, com ordens terminantes de não voltarem enquanto não os houvessem desbaratado, aniquilado ou rechassado para os sertões de onde vieram?

Que pilheria!

Está ahí o Matto-Grosso que vos dirá ingenuamente, e mo deve fazê-lo todo o bom órgão official, que o individuo Pedra, um dos estóicos d'este roso magnifico edificio governamental,—mandou mais 2 (?) praças de policia para reforçar o destacamento de 3 praças (!) que n'aquella lugar (o Arica) se achava, ordenando-lhe que rondassem as immedições d'aquelle localidade á fim de que os indios se internassem á vista do movimento de forças!

Que epopeia n'este movimento de forças, realisa-lo por 5 praças (!) em torno do machado do destacamento, á distancia talvez de 10 praças sem mais (pega-se á mais não são ellas tão tolas, que se arriquem!)—o qual movimento de forças deve obstar os indios á internarem-se.... nas fazendas dos lavradores, onde levam tudo á flecha e á fôgo!!!

Entretanto os Coroados, que seguem muito senhores de si e da proteçáo—central, media 2 do corrente cahiam como uns bemaventurados sobre alguns sitios do Districto da Gaia onde roubaram, saquearam, incendiaram e mataram a seu bel—prazer.

Quatro dias depois—desfilava por aquella freguesia—*tambour battant*, e *en sus* por *teplayes*—10 praças de policia que lá iam fazer.... movimentos de força.

Regra geral da politica internacional na questão Coroados:—

Os indios marcham para—x—parte:—aviso.

O indios batem em—x—parte:—aviso.

Tres dias depois marcham.... de 2 á 10 praças de policia; 4 dias depois chegam ao lugar do sinis-

tro, ao campo de batalha, onde colhem preciosas amostras de que de facto os Coroados passaram por ali:—fazem alguns movimentos de força—e voltam trazendo um dente de jacaré e uma casca de tatú ao individuo Pedra, meia flecha e um *baquito* á Presidencia, que lhes declara em particular terem comprehendido perfeitamente as philantropicas idéas do actual Gabinete em relação aos Coroados, o serem portanto benemeritos de alguma associação cosmopolita de Londres!

E eis ahí tudo.

E elles crêem, oh! prodigios da Siberia!—elles crêem e esperam—es miseros lavradores na promettida espada de Alexandre ao passo q' veem as suas plantações devastadas, as suas casas queimadas, os seus escravos, camaradas ou aggregados assassinados e mutilados, a sua fortuna ameaçada de uma ruina completa, a miseria á porta,—e todos soffrem e todos olham anciosos para o futuro que se envolve em nuvens tempestuosas, porque a base do futuro é a lavoura, e a nessa é hoje uma pobre martyr, que faria bem se encomendasse umas quatro procissões em honra de algum tanto milagroso que conseguisse do bom Deus a expulsão dos Coroados!

Quanto á nós, achamos que tudo vai muito bem e felicitamos S. Ex. por ter conseguido ver realisar-se durante o seu vice-reinado, n'esta pseudoprovincia, o prototypo das antigas capitaniaes da terra do póo-brasil;

Faltava-nos a feição indigena, o melodramatico da flecha e do tacape.

Já nada mais nos falta.

Eureka, pode bradar S. Ex. no silencio e na placidez do gabinete dos antigos Cupitães-mêres,—sonhando as decimas do subsidio ganho em uma cadeira, na *Chapada* com o Lyrico á dous passos, onde S. Ex. poderá ir ouvir a *opera* do Guarany, que lhe fará lembrar o estertor de morte das vítimas dos Coroados, n'estes felizes tempos coloniaes.

Em conclusão:—

Damos aos nossos patricios lavradores o seguinte conselho:

Entreguem as suas propriedades aos Coroados, recebam em

troca as flechas, os arcos e mais petrechos bellicos dos mesmos e façam correrias contra os novos proprietários—e se poderem dêem mesmo um pulo até aqui, ao Largo do Palacio.

Em uma palavra—façam-se Coroados e deixem que os Coroados se façam fazendeiros.

Creiam que assim ficarão de melhor partido,—não só porque esse é o unico meio de não perderem tudo, mas também por que poderão contar com a *philantropica* protecção do ministerio.

O mais são historias de D. Sabastião o Desejado.

E á proposito:—Quem vae para a catechese?

Foi finalmente mandado pôr em liberdade o Tenente do Exército Alfredo de Souza Tavora, prezo á arbitrio da Presidencia por um não provado crime de injuria ou desacato ao individuo que actualmente exerce o cargo de Chefe de Policia da Provincia.

Em o nosso proximo numero, trataremos detidamente d'esta questão Tavora, em que parece ter-se agora posto um ponto de interogação que carece de explicação, que talvez jamais venha.

Por hoje limitamos-nos á fazer á S. Ex. uma pergunta:—

A ordem de soltura do Tenente Tavora, foi devida realmente—á que?

A imposição do novo Commandante das Armas interino?

As ligeiras considerações por nós feitas á respeito em nosso numero atrasado?

Oa simplesmente ainda á capricho de S. Ex.—que não pôde, porém manda?

Estimariamos que nos esclarecessem.

Afinal de contas tudo isto nos parece, desculpem-nos o termo, uma verdadeira—patufcada.

Mas.....*tra bien qui vira le dernier.*

Recreio Litterario.—Recebemos, gratos á offerta, o 1.º numero d'este periodico—e com prazer declaramos que não desmentiu-nos a feliz expectativa.

Sente-se n'elle sincera a anhel de progredir,—o trabalhar consciencioso e promettedor—e sobretudo esse borborinho de aspirações, de crenças, de esperanças, de utopias, de promessas

de amor—que é a mocidade, que é a vida.

Caminhar, caminhar!...

A imprensa é como Ashaverus: tem o infinito em frente e a voz fatidica que lhe brada á consciencia—avante sempre.

Bemdito aquelle que olha para o passado mas caminha para o futuro: maldito aquelle que olha para o futuro e para ou caminha para o passado.

Parabens aos collegas do *Recreio Litterario*.

Correspondencia

Villa do Diamantino 15 de Janeiro de 1879.

(Continuação do n. 5.)

Passemos á outro assumpto importante.

Felizmente, Sr. Redactor, já vemos aqui restabelecido o imperio da lei relativamente á uiaa questão, onde não fôra observada. Felizmente, podemos dizer, graças ás ordens de S. Ex. o Sr. Dr. Presidente da Provincia e ás providencias dadas pelo digno Juiz de Direito interino da Comarca, Capitão José Pinto Gomes, acham-se n'esta Villa mantenidos na pòsse da liberdade de que gozavam, seis individuos que, estavam reduzidos á injusto captiveiro no sitio denominado—Boa Vista—pertencente ao municipio do Rosario.

Falta agora um dellos do nome Manoel, pardo, que foi conduzido como escravo para M. Luiz de Caceres, por Salvador Ferreira d'Almeida, segunbo informou o official de justiça José Marianno de Almeida: mas sobre o dito Manoel já se deprecaram as necessarias providencias no mesmo sentido á autoridade competente em S. Luiz de Caceres, conforme dizem.

Já devem ter dado parte circumstanciada dessa questão á Exm.ª Presidencia da Provincia, os Srs. Juiz de Direito interino, Capitão José Pinto Gomes e Promotor Publico interino Salvador da Costa e Rêria, que sem duvida haviam de levar também ao conhecimento da mesma Presidencia o resultado de um exame feito no auto de inventario de Francisco d'Almeida Lara.

A conservação destes 7 infelizes na escravidão, era na verdade o que se pode chamar absurdo, em

facto criminoso e revoltante, para o qual já demorava uma providencia, porque libertos são elles por qualquer dos seguintes modos que vai ver o respeitavel publico:

Se estes individuos eram escravos de D. Jeronima e seus filhos, como effectivamente por força de matricula especial instituida em 1871, e também de uma partilha julgada pqr sentença do Dr. Juiz de Direito da Comarca em 24 de Abril de 1875, alem do dominio de mais de 30 annos não interrompidos que D. Jeronima sempre teve sobre elles, em tal caso prevalecem as liberdades que a mesma D. Jeronima, de accordo com seus filhos, concedeu-lhes por carta lançada em livros de notas e publicadas nos numeros 311 e 314 do periodico Liberal.

Se não eram da mesma Sr.ª e seus filhos, mas sim da herança de Francisco d'Almeida Lara, como dizem e affirmam por escripto a viuva de Lara e a maioria dos herdeiros, que os chamaram para o captiveiro, á pretexto de que D. Jeronima não os possuia em virtude de documento legal, e que, por isso, não podia libertal-os, ainda assim devem ser considerados libertos os 7 individuos, porque Francisco d'Almeida Lara, não os matriculou em tempo competente, e nem tão pouco reclamou cousa alguma contra D. Jeronima que então os apresentou á matricula como proprietarios della.

Bem, fazemos ponto final no que ficou dito sobre este assumpto, afim de não se tornar a presente missiva mais extensa do que já está.

Poderíamos seguir além pois que ninguém ignora que da questão de liberdade destes 7 infelizes, tem nascido toda a hostilidade, toda a guerra que se faz á Villa do Diamantino de certo tempo para cá. A extrema decadencia d'esta Villa á ponto de não ter pessoal para occupar os cargos publicos, como se propôza n'essa capital, deriva-se em grande parte dessa questão, por não terem as autoridades locais despedido a guerra o direito e contra a liberdade dos mencionados individuos.

Mas opportunamente o fim de uma outra missiva, em que trataremos de assumptos de natureza

impedimento para esta Villa, com-
tra a qual de incomprehensivel-
mente se tem a estes ultimos tem-
pos declarado guerra de morte.

Inscrito: Snr. Redactor, es-
tas tuas linhas nas columnas
do seu jornal, muito obrigará os
seus amigos e criados.

O Diamantinense.

A' Pedido

Salve Flakaba de um des-
valho.

São tantos os vis, os culpados,
Que vendo a Virgem Maria,
N'os lhe dizem um só dia
Salve Rainha!

D'essas pestes, d'essa tinha.
D'esse compendio de horrores,
Afastas os peccadores,
Mãi de misericórdia.

Gente immoral sem concordia,
Que mal se busca fazer,
Para não podermos ter
Vida, de pura.

Nossa paciência apure,
Rouba nossa liberdade
Adulando a autoridade
Esperança nossa.

Fazei que jamais possa
Venoz a Sberanza,
Que vordiz noite e dia,
Salve!

De suas tranças salve
Quem, com a firme, te adora;
Sejas nossa Protectora
Ati bradamos.

D'horrores, crimes notamos
Nutris-se essa facção vil:
Que quer além de mil
Os degradados.

Presos, mortos, fusilados,
Todos nos desejo este bem.
Como se não fossem também
Filhos de Eva.

Seu furor a palma leva
Do tigre ao furor brutal!
Para que s'extingua esse mal
A ti suspiramos.

Nota: Senhora, que estamos
Do governo abancados,
Os escravos desgraçados,
Gemendo e chorando.....

Mas não sabemos té quando
Teremos tal paciência,
Que não mudemos d'essencia
N'este valle de lagrimas!..

Onde cantos de paginas
Cheias estão de motivos
Para mostrar-nos ativos...
Eia pois!..

Beneficente, qual sois,
Dos livres Mãi piedosa,
Bêde na hora estremosa
Advogada nossa.

Que essa facção nunca possa

Impôr-nos o captivo
Confiemos do Luzeiro
D'esses teus olhos.

Da vida os duros abrolhos
Aos homens não confundem,
Si teus rasgos lhes infundem
Misericordiosos.

Subi aos Ceus que anciosos
Vos esperão, (oh! que harmonia!)
E quando chegar o dia
A' nós volve.

Com vosso filho resolve
Qual deve ser nossa sorte.
N'esta vida antes da morte,
E depois.

Justos, como ambos sois,
Amparae a nós mortaes
Dos soffrimentos fataes
D'este desterro.

Onde á oppressão, fogo, e ferro
Se nos quer ceifar a vida:
Propicia, certa guarida
Nos mostra.

Na lama só vive a ostra,
Aos vis assim só queremos.
Oh! que queixas não daremos? !..
A' Jesuz!

Que no madeiro da Cruz
Morreu pela humanidade.
Por lhe dar da liberdade
Bendicto fructo.

Essa corja, vil e bruta,
Avésada só a dinheiro
Não teme ao Deus verdadeiro
Do teu ventre.

E consentireis que em frente
De d'reis e tão sagrados
Sejamos sacrificados?...
Oh! clemente!

Que o inferno os alimente
Para nos faserem guerra,
Tudo opprimindo na terral
Oh piedosa!

N'esta terra venturoza
De que sois a Patroeira
Deve haver ladroeira?
Oh doce!

Nem que ella nunca fosse,
Imperio da Santa Cruz
D'esse immenso Deus Jesuz,
Sempre Virgem Maria.

Em vós fô e garantia.
Mascras aba xo, hypochrizia,
Vil, infame, philanthropia!
Rogai por nós!

Quem mais poder tem que vós,
Se a vós tudo está sujeito?
Imponde a tudo proceito,
Santa Mãe de Deos.

Que a facção vil de servos
Que tanto mal nos têm feito,
Nunca saiba do effeto.
Para que

Temos mui robusta fê,
Que da justa liberdade
Sendo de Deusa vontade,
Sejamos dignos;

E que nunca esses indignos,
Que contra nós conspirão.
Um só favor adquirão.
Das promessas de Christo,

Que em paga de tudo isto,
Por mandado de um Deus eterno,
Vão repouzar no inferno
Amen.

Annuncios

Vende-se muito em conta, o
sitio denominado Paulino, á
duas legoas e meia d'esta capital,
com boas mattas para plantações,
campos para criação e medindo
meia legua quadrada.

Para tratar com o dono o Sr.
Arthur de Hollanda, morador na
rua 1.ª de Março, em casa do Dr
Carvalho.

Club

—Nétos da Lua.—

Consta-nos que sahirá a passeio
no primeiro dia do carnaval este
club creado por alguns rapazes
d'esta capital.—O programma do
seu passeio será opportunamente
publicado.

Nephito.

Henrique Ernesto da Veiga Jar-
dim, escultor, dourador, pintor e
especialmente encarnador de ima-
gens, chegado ultimamente de
Goyaz, tendo de retirar-se breve-
mente, offeroce os trabalhos de
sua arte e duas Imagens, uma do
Senhor Bom Jesus Crucificado,
outra de S. José, encarnadas rica-
mente; e também trabalhos de de-
buxo para bordar lenços, fronhas,
toalhas, &c, podendo ser procura-
do das 6 horas da manhã as 6 da
tarde em dias uteis na rua do
Commandante Antonio Maria (an-
tiga da Sé) na casa onde se vê
uma tabolêta.

O abaixo assignado retirando-
se para a Villa do Diamantino, e
não podendo, pela escassez de
tempo, despedir-se pessoalmente
de todas as pessoas que o honra-
rão com a sua amizade, vem pe-
lo órgão da imprensa pedir-lhes
desculpa desta falta involuntaria
e offerecer-lhes seus prestimos
n' aquelle lugar.

Cuyal á 8 de Fevereiro de 79.

Francisco Pereira Guimarães.

Typ. do POVO á rua do Barão de
Melgaço casa n. 59.